

Endurecer o coração

Na passada semana um artigo do jornal Expresso despertou-me particular atenção. Fiquei a filosofar sobre o assunto e decidi partilhar algumas reflexões consequentes.

Em resumo, trata-se de uma reportagem sobre alguns factos mais salientes da história de Maria da Conceição Moita - Mulher sem Medo – que em 30 de Dezembro de 1972 foi uma das protagonistas da Vigília da Capela do Rato, uma iniciativa de um movimento católico a favor da paz e contra a guerra colonial. Tinha como mote “A paz é possível” um tema proposto pelo Papa Paulo VI para o dia mundial da paz, a celebrar dois dias depois, pelo que se propunham passar esses dois dias em jejum e debate sobre o assunto. Mas foi tal a repercussão desse movimento que no dia seguinte a igreja seria invadida pela polícia política de então e a maioria dos presentes detidos para identificação e interrogatório. Alguns meses mais tarde a protagonista viria a ser presa e torturada e só voltaria à liberdade após a revolução do 25 de Abril de 1974.

Apesar de todo o sofrimento a que foi submetida, Maria da Conceição, não perdeu a fé nem se afastou da prática religiosa. Manteve-se profundamente católica e depois da Revolução fez parte de vários movimentos de índole cristã, tendo-se também distinguido como educadora e pedagoga. Morreu no passado dia 30 de Março.

Primeira reflexão – como é que alguém com uma formação, e prática, tão religiosa se radicalizou e, embora sem ser operacional, aceita colaborar com as Brigadas Revolucionárias (que na altura realizaram vários atentados bombistas contra o regime)? Como é que podemos encarar isso numa perspectiva Rosacruziana? Não consegui chegar a uma conclusão linear.

O Amor deverá ser sempre o nosso lema, pelo menos numa optica individual. Mas vemos ao redor do mundo tanta maldade, tanta injustiça, tantos regimes que ignoram totalmente os direitos mais básicos dos seus povos, em contraponto com meia dúzia de privilegiados, tantas

máfias e organizações que vivem apenas da exploração e opressão dos mais fracos sem respeito por qualquer lei ou ética. Como podemos sair disso?

Admitimos que existem “desígnios superiores” que originam a evolução ou extinção de países e povos, só não sabemos “como” nem “quando” eles actuam. Quando um país definha às mãos de um ditador, somos tentados a aceitar como admissível que alguns se organizem para os derrubar, que sofram para despertar consciências, para abrir os olhos aos outros, se revoltarem e lutem arduamente com propósitos altruístas de alterar a situação e ajudar os seus semelhantes. A libertação de muitos povos e autonomização de muitos países deveu-se à luta armada que realizaram para se libertar do jugo dos opressores. E se tivessem optado apenas pela passividade? Esses “desígnios superiores” teriam chegado aos mesmos resultados? Ou esses actos mais radicais estavam contidos nesses “desígnios”? Acho que devemos ter a humildade de admitir que dificilmente conseguiremos respostas óbvias para estas questões. Apenas contamos com a certeza do ensinamento de que mais cedo ou mais tarde o bem vence sempre o mal.

Segunda reflexão – A essência da bondade permaneceu, apesar de todo o sofrimento por que passou. Atente-se nestas palavras que deixou escritas, antes de morrer:

“A grande tarefa é ir fazendo mais humano o tecido das relações, no tempo que nos é dado. E gastar a vida a transformar o mundo que espera pela justiça e pela fraternidade. Não deixar, a todo o custo, endurecer o coração. Porque o amor é de tudo o mais importante. Dá sentido à vida e é mais forte do que a morte. (...) É na certeza leve e limpa que parto, sabendo que na vida não existem roturas e acreditando que o que me espera é a plenitude do que procuro, sem ser possível imaginar.”.

Que as Rosas floresçam na vossa Cruz

António Neves

02-05-2021